



OPINIÃO JOSÉ CARLOS VILHENA MESQUITA | Professor universitário e historiador

A primeira exposição que mudou o rumo das Artes Plásticas em Portugal

Interpelou-me um aluno com a seguinte questão: quando ocorreu a primeira exposição de arte em Portugal? Uma questão difícil, para a qual não possuo absoluta certeza.

Todavia, creio que a primeira exposição de arte, com caráter público, ocorreu em Lisboa em 1888. Vamos falar sobre isso. Mas primeiro devo esclarecer o seguinte: trata-se da primeira mostra de artes plásticas de porta aberta, isto é, de livre acesso a todos os cidadãos, e destinada a vender as obras expostas. Faço esta distinção porque, desde longa data, que se realizavam exposições artísticas, mas de forma privada e com acesso restrito. Essa era uma prática comum em França. A Coroa Real, a Escola de Belas Artes e até algumas famílias nobres, reuniam nos salões dos seus palácios mostras de joalheria, de pintura e escultura. Os salões de arte e cultura, organizados na centúria de setecentos, pela Madame de Pompadour, favorita de Luís XV, pela Madame Geoffrin, ou pela provocante Madame de Stael – cujo espírito iluminista afrontou os mais sólidos troncos da Europa – ficaram célebres e marcaram a época áurea da erudição francesa.

Na busca das origens, pode dizer-se que a primeira

exposição oficial de arte se realizou no Museu do Louvre, em 1667, sob a égide da Academia Real de Pintura e Escultura de Paris. A ideia partiu de um grupo de artistas que se reunia no «Sallon d'Apollon», razão pela qual todas as mostras se passaram a designar como «salões de Arte». A partir de então, as exposições de pintura e escultura sucederam-se com regular periodicidade, tornando-se num exemplo de ilustração e mecenato das coroas reinantes, depois replicado nas principais capitais europeias.

Feitos estes esclarecimentos prévios, vamos agora abordar, de forma sucinta, as primeiras exposições realizadas no nosso país.

A primeira exposição de Arte em Portugal

Presumo datar de 1888 a realização da primeira exposição pública de artes plásticas em Portugal. Teve lugar no salão do «Correio da Noite», um popular órgão da imprensa lisboeta, afeto ao Partido Progressista, representativo da esquerda eleitoral, e herdeiro das ideias setembristas. Iniciou a sua publicação a 1-4-1881 e cerrou portas a 11-10-1910, mercê da implantação da República. O seu fundador foi Emídio Navarro, o maior

jornalista português de todos os tempos, uma figura hoje injustamente esquecida. Tendo passado pelas cadeiras ministeriais, abraçou a pasta das Obras Públicas, devendo-se-lhe a criação do ensino agrícola e industrial. Foi ele quem projetou os primeiros passos do turismo português, nomeadamente através da renovação da vila do Luso e da construção do Palace Hotel do Buçaco, um edifício neo-manuelino desenhado pelo arquiteto italiano Luigi Manini.

Apreciador da beleza e da criação artística, teve a iniciativa de promover a realização da primeira exposição pública de artes plásticas em Portugal. O local escolhido foi o salão nobre do jornal que dirigia, então sediado na rua de S. Francisco, hoje designada por rua Ivens, em Lisboa. O Emídio Navarro e o seu chefe político, José Luciano de Castro, convidaram os pintores que desejassem não só expor as suas obras, como ainda vendê-las a quem as quisesse adquirir, para deleite e ilustração pessoal. As colunas do jornal blasonavam o apreço pela arte, como forma de distinção social. E afirmavam que a paixão pela Arte inspirava a consciência da erudição. Diziam até que no estrangeiro se avaliava a velha fidalguia pelo seu bom gosto artístico. Estava na moda substituir as antigas tapeçarias colgadas nas paredes, pelos quadros dos artistas premiados nos mais recentes salões de arte.

Não obstante o apoio da imprensa e da ilustração progressista, pode dizer-se com algum desencanto, que a primeira exposição pública de arte foi um fracasso. Justificou-se o sucedido pela exiguidade da sala e má iluminação dos quadros. Mas a razão estava no seu caráter partidário. Na verdade, quem fosse regenerador não ia ver quadros à casa do seu adversário político. Além dos visitantes terem sido escassos, também não existia na época grande apreço pela pintura. Por isso não se venderam os quadros.

O papel decisivo de D. Carlos no apoio às artes plásticas

O rei D. Carlos, grande apreciador de arte e notável

pintor, quando soube do fiasco solidarizou-se com o desalentado Emídio Navarro. E, para que a iniciativa não morresse, resolveu promover e apadrinhar as exposições que nos anos seguintes se realizaram nas três grandes salas da Biblioteca Nacional de Lisboa, então sediada no antigo Convento de S. Francisco. Lembro que o mesmo corresponde hoje às instalações do «Museu do Chiado», designação popular do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

A escolha da Biblioteca Nacional, para palco das exposições de arte, evitava os pruridos políticos suscitados na primeira iniciativa. Por outro lado, era o local ideal, visto ali funcionar, no primeiro piso, a Academia Real das Belas Artes. Retumbante foi, porém, o êxito alcançado com a exposição que ali se realizou em 1892, devido ao facto do rei D. Carlos, que era um pintor amador, na real aceção do termo, pedir para expor também os seus quadros. Isso deu àquela mostra uma inesperada aura de surpresa. Os jornais monárquicos elogiaram a modéstia do jovem Rei, por se expor aos olhares do público e dos críticos. A imprensa criara uma enorme expectativa na curiosidade popular. E a convite do governo coube ao monarca a honra de inaugurar o certame. Por isso, a afluência no dia da inauguração foi maciça. Nos eventos que se lhe sucederam, e para evitar a «amalgamação social», todas as exposições de arte, que beneficiassem do apoio real, passaram a estar sujeitas a uma vernissage, isto é, a uma inauguração prévia, cuja frequência seria selecionada por convite particular.

Mas, o que ninguém esperava nessa inauguração é que o Rei tivesse um gesto, de humildade e altruísmo, que foi decisivo para o futuro das artes plásticas em Portugal. Depois de observar todas as obras expostas e de cumprimentar os artistas presentes, teve a inesperada atitude de comprar vários quadros a óleo e a pastel, obviamente os que mais lhe agradaram. Esse gesto de munificência tornou-se num exemplo, que foi logo imitado pelos nobres que o acompanha-

vam. O primeiro a fazê-lo foi o Marquês de Franco e Almodôvar, Emílio Ernesto de Franco, uma figura de anódina presunção na Corte, que recebera o título quatro anos antes. Era brasileiro do Maranhão, podre de rico, inteligente e culto, que gastou a fortuna a cuidar dos doentes, dos velhos e dos desvalidos. Não havia no país um homem tão generoso. Por isso o rei lhe tinha tanta amizade.

Não querendo ficar atrás, os nobres de maior relevo acorreram a corroborar o gesto real, comprando a quase totalidade dos quadros expostos. Só o Rei não vendeu os seus, por estarem sob reserva da Casa Real!!!

As artes decorativas e as indústrias do passado-futuro

A partir deste gesto de proteção e altruísmo, manifestado publicamente pelo rei D. Carlos, as artes plásticas ascenderam a um patamar cimeiro da cultura nacional. No conceito da nobreza, mas também da burguesia ilustrada, cresceu exponencialmente o apreço pela pintura e pela escultura, desenvolvendo-se em paralelo outras manifestações artísticas que obtiveram igualmente grande fulgor nos domínios da arte e até da indústria. Refiro-me às artes decorativas e aos casos do vidro, do azulejo e da cerâmica. Mas podia acrescentar também os notáveis exemplos do nosso mobiliário artístico, da nossa ourivesaria, prataria e filigrana, das tapeçarias de Portalegre, dos tapetes de Arraiolos e das colchas de Castelo Branco. E a lista de artes decorativas prosseguiria com muitos mais exemplos, se acaso nos sobejasse o tempo, o espaço e a paciência.

Em todo o caso, sempre acrescentarei: quem não se lembra, no caso do vidro, da famosa Real Fábrica dos vidros e espelhos, em Coima, e das fábricas da Marinha Grande, sobre as quais paira a memória do seu fundador, Guilherme Stephens. Além dos vidros soprados, moldados e coloridos, ali se produziram também cristais de enorme qualidade, que rivalizavam com os da região da Bohemia. No caso do azulejo, merecem especial destaque as velhas fá-



D. Carlos, o rei pintor e oceanógrafo de reputação mundial, com o manto todo remendado pelas diatribes dos partidos. Caricatura da autoria de Alfredo Cândido, em 1906.



«O Sobreiro», quadro pintado em 1905 por D. Carlos.



Salão nobre de Madame Geoffrin, pintado em 1755 por Gabriel Lemonnier.



Edifício da antiga Biblioteca Nacional e da Academia Real das Belas Artes, onde se realizaram as primeiras grandes exposições de arte em Portugal.

bricas de Sant'Anna, do Rato e da Viúva Lamego, em Lisboa, para só falar nas mais famosas – sem esquecer as fábricas do Porto, Aveiro, Coimbra e Constância. Mas, dentre os contributos proporcionados pela Arte, para o embelezamento e conforto das residências apalaçadas da burguesia urbana, recriando novos estilos arquitetónicos e até um inovador urbanismo, destaca-se a Cerâmica pela influência que teve no desenvolvimento das artes decorativas em Portugal. O impulso artístico prestado por Rafael Bordalo Pinheiro na sua fábrica-escola das Caldas da Rainha foi inestimável, e contribuiu para o incremento de uma indústria que ainda hoje prestigia além-fronteiras o nome do nosso pobre e ignorado país. Mas isso levar-nos-ia a falar de outros temas, novos mistérios e esquecidas glórias, que reservaremos para posterior oportunidade.